

Brasil, Casaquistão, Bósnia e Cia.

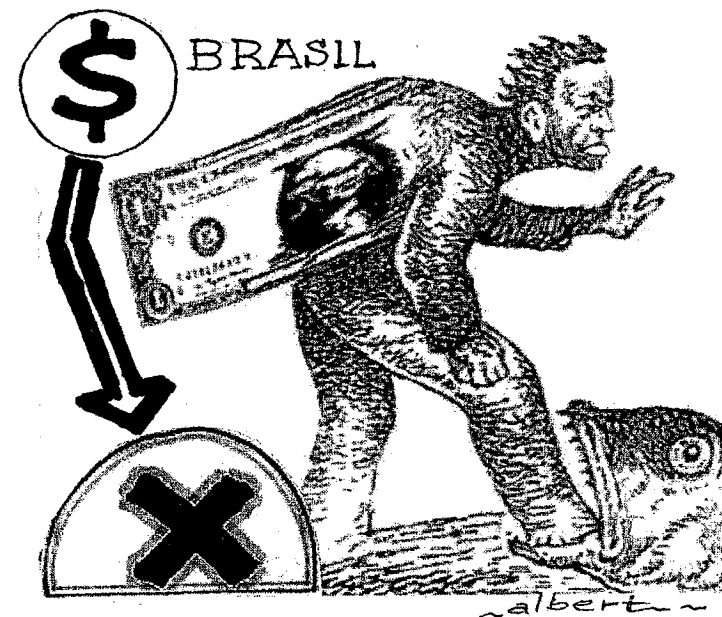
POR QUE O BRASIL APARECE LÁ NO FUNDO, NAS CLASSIFICAÇÕES DE RISCO?

ROLF KUNTZ

A dívida externa do Brasil equivale a 30% de seu Produto Nacional Bruto (PNB). A da Coréia, a 32%, a do México e a da Venezuela, a 45%. Qual desses é o país com endividamento mais pesado? Segundo o Banco Mundial (Bird), é o Brasil. No relatório sobre *Finanças e Desenvolvimento Global 2000*, divulgado há poucos dias, o Bird apresenta, de modo geral, uma visão otimista da economia brasileira. É assinalada a rápida recuperação depois da crise cambial. A reação brasileira, além disso, deve facilitar neste ano o crescimento da economia sul-americana. Economistas da instituição, ao divulgar o relatório em Brasília, descreveram a situação do País como "encorajadora". Então, como explicar aquela história do endividamento?

A classificação aparentemente estranha está no apêndice n.º 1 do relatório, onde o Brasil aparece, juntamente com Argentina, Bolívia, Bósnia-Herzegovina, Bulgária, Gabão e mais uns poucos países, como uma das "economias de renda média pesadamente endividadas". Filipinas e Venezuela pertencem à mesma categoria econômica do Brasil e estão entre as "moderadamente endividadas". México e Coréia são relacionados entre os países de renda média com endividamento leve. Os cálculos são baseados em números de 1998.

Classificações como essa frequentemente são recebidas, entre os brasileiros, com manifestações de perplexidade e até de indignação. Na avaliação do



risco-país preparada pela Standard & Poors (S&P), o Brasil aparece junto do Casaquistão, duas posições abaixo da Índia e da Argentina e três posições abaixo de Colômbia, Eslováquia, Filipinas, Panamá, El Salvador e México. Mas como é isso possível?, perguntam os brasileiros, conscientes do tamanho da economia nacional, de sua indústria diversificada

e também da recente modernização produtiva. Na lista da Moody's, a posição brasileira é ainda pior, quando comparada com a do México: a diferença, neste caso, é de cinco níveis.

Conspiração contra o gigante sul-americano? Pior, ainda: com envolvimento até do Banco Mundial? Essas listas parecem ainda mais estranhas – ou simplesmente absurdas – quando se considera o ingresso de investimentos estrangeiros diretos. O Brasil tem estado entre os principais destinos do ca-

pital investido no mundo emergente, logo abaixo da China, nos últimos anos. As agências terão melhor avaliação que os investidores diretos? A questão, no entanto, parece um pouco mais complicada quando se pensa na classificação apresentada pelo Bird.

A explicação aparece quando se examinam os indicadores selecionados pelos técnicos. O serviço da dívida externa brasileira (juros e amortização) equivale, na tabela do Bird, a 76% das exportações de bens e serviços mais o dinheiro enviado pelos trabalhadores no exterior. México e Venezuela, porém, conseguem cobrir o serviço da dívida com apenas 23% do valor de suas exportações de bens e serviços. No caso da Coréia, bastam 13%. Outro dos indicadores é valor presente do serviço de toda a dívida externa comparado com aquela mesma receita. Para o Brasil, a relação apontada na tabela do Bird é 347%. Para a Coréia, 83%, para o México, 121%, e para a Venezuela, 150%. Em outras palavras:

o Brasil apresenta indicadores de solvência muito inferiores aos de países com economia, em certos casos, bem menor e menos diversificada.

A desvantagem brasileira está sobretudo no valor da exportação, ridiculamente pequeno por qualquer padrão razoável. O Brasil, segundo a tabela do Bird, faturou em 1998 US\$ 64,6 bilhões com a exportação de bens e serviços e as remessas dos trabalhadores no exterior. Seu Produto Nacional Bruto equivaleu a US\$ 758,9 bilhões. No mesmo ano, com um PNB de US\$ 316,2 bilhões, a Coréia teve uma receita de US\$ 160,1 bilhões. A economia mexicana, com produto de US\$ 380,6 bilhões, conseguiu US\$ 140,1 bilhões com o intercâmbio externo. A Tailândia, país de industrialização muito mais recente, exibiu uma receita de 69,2 bilhões, com um PNB de US\$ 112,7 bilhões.

Todos esses países pagam juros menores que os cobrados do Brasil. Nada mais natural, pelos critérios de quem faz classificações de risco para fornecedores de empréstimo. As economias com melhor posição nas listas são aquelas mais capazes de ganhar dólares no comércio de bens e serviços (aqui se inclui o turismo, entre outros itens). O efeito é um círculo vicioso: pior classificação, juros maiores, capital mais caro, menor competitividade, piores indicadores de solvência. De novo, pior classificação, etc. Enquanto isso, o governo brasileiro se contenta com a reafirmação da meta de US\$ 100 bilhões para a exportação de bens. Esse objetivo foi fixado, originalmente, para 2002. Agora, nem o cumprimento desse prazo é considerado provável.

■ Rolf Kuntz é jornalista

O Bird situa a economia brasileira no grupo das pesadamente endividadas